

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.653

Quarta-feira, 16 de Abril de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada de Combro, 88-A, 2.º e 3.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-G

Officina de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A Conferencia Inter-Sindical  
resolveu que fôsse encetada  
uma campanha pró-anistia  
dos presos por questões sociais

## AS RATOEIRAS DO CORREIA DASILVA

## Os primeiros naufragos do "Bela Vista" chegaram a Lisboa

O que nos dizem alguns tripulantes sobre o naufrágio e o estado do navio

—Chegaram a Lisboa os primeiros naufragos da barca "Bela Vista", aquela conhecida ratoeira que o armador Correia Silva não teve dúvida em colocar nos pés de alguns homens aos quais as necessidades da vida obrigam a embarcar.

Falámos ontem com eles e todos nos disseram do estado ruinoso do navio e de uma grande felicidade os trouxe a porto de salvamento.

Esses tripulantes são: Armando Maria Ferreira, piloto; Assis José de Oliveira, moço praticante; Adriano Barbosa, marinheiro; Amâncio dos Santos Pereira, marinheiro praticante; Maximiano de Oliveira, cozinheiro; António Jílio da Encarnação Carvalho, moço.

Momos ouvindo a sua odisseia. —No dia 3, deviam ser 20 horas, e hora e meia depois do navio ter saído, fazendo um tempo regular com vento de força 4—dizem os pilotos—o capitão chamou-me para me comunicar que a barca não estava em condições de prosseguir e que lhe parecia ser uma viagem para a morte.

—De facto—continua—o navio estava de pé ao vento, ignorando-se a razão porque tinha essa posição, e assim declarei, após uma rápida análise, que não podia mais continuar a viagem.

—E deu-se o que previra?—preguntámos. —Pouco depois partiu-se o mastro do velacho, sendo obrigada a tripulação a abrigar-se no tombadilho da ré, o navio ficou sem governo.

—Dali a uma hora, pouco mais ou menos, caiu o mastro grande, arrastando na sua queda o mastro da ré, e a barca ficou sem governo.

—Que dizia o capitão a isso? —Julgou ao princípio ser algum acto de sabotagem, como declarou, mas depois mandou-me verificar o que havia. Passei uma revista ao mastro da traquete e então, pelo que vi, ficou convencido o capitão não ter havido acto de sabotagem algum, mas sim ser devido a uma falha das condições ruinosas em que se encontrava a mastreação.

—Tudo pôde!—exclamaram. —E o mais que se vai ver—acrescentou—ficamos a bordo até ao dia seguinte. De madrugada, pelas 2 horas, quando se ia a baleeira dos picadores, para estar pronta à primeira voz, essa baleeira, depois de estar suspensa, abriu, ficando a roda de pópa no galo d' talha, caindo ao convés!

—Ficaram, portanto, sem um dos meios de salvamento—observamos. —Consequentes reparações como pudemos, mas estava tão pôde que não podíamos mais tirar os pregos à mão! Era nisto que havíamos de fugir à morte! A bomba também se encravou, em vez de água saía sal.

—E quando abandonaram a barca? —Deviam ser 16 horas, para o que nos utilizamos da baleeira, uma chata e um bote de cinco metros de comprimento. Na baleeira embarcaram o capitão e sete tripulantes; na chata dois marinheiros e no bote eu e mais quatro tripulantes e toda a roupa que pudemos trazer.

—A certa altura o tempo começou a refrescar e então mandei passar os tripulantes da chata para o bote, tendo para isso de se alijar a roupa ao mar. —Não estavam a vista de terra quando abandonaram a barca?—preguntámos.

—Como o tempo fôsse piorando nada se divisava; porém, remando para terra, avistámos mais tarde o cabo da Roca. A seguir perdemos de vista a baleeira, encontrando-a mais tarde já abandonada.

Um pormenor: —O bote só tinha três remos, a baleeira quatro e a chata um e um bocado de outro.

—Como foram salvos? —No dia seguinte, pelas 10 horas, já esgotados de lutar com o mar, sem termos que comer nem beber, recolhemos o vapor "Star Light", da praça de Leix, sendo muito bem tratados não só pelo comandante como pela tripulação, e fomos conduzidos ao porto de Ujón, Espanha.

—Aqui chegamos pelas 9 horas do dia 8 e mandámos comunicar o que se passara ao vice-consul português. Pois só às 16 horas compareceu um empregado do consulado, dando-nos informações sobre a situação da barca. Aqui o consul, sr. Vasco Morgado, tratou-nos com todas as deferências. Depois embarcamos para Lisboa onde chegámos no domingo de manhã.

—E quem indemniza a tripulação dos prejuízos?—preguntámos. —Cada homem deve receber 5800 do Instituto de Socorros a Naufragos...—responderam-nos.

O estado da barca e a falta de dinheiro do armador Correia da Silva...

Um dos tripulantes, que estava ansioso por dizer a sua justiça, elucidou-nos:

—O armador Correia da Silva, antes do navio sair do Tejo, mandou dizer à tripulação que não tinha dinheiro e portanto só podia dar de avanço meios de soldado. Os tripulantes protestaram, tendo alguns ido à capitania do porto reclamar, obtendo como resposta que tinham o direito de receber um mês de avanço em virtude de isso ser uma cláusula da matrícula. Os que não receberam, eram quatro, ficaram de ser indemnizados na Madeira, pois assim o declarara o comandante à tripulação.

—E qual era o estado da barca? —Era tão bom—dizem os outros—que as galinhas, quando esgaravavam de baixo do castelo, até abriam buracos.

Não pudemos comentar porque outra voz de tripulante nos interrompeu: —Ouça mais: A péga do mastro real estava partida; dois brandais de joaneta da proa igualmente partidos e que o capitão do porto mandou substituir, porém, foram apenas emendados porque o Correia da Silva disse que não podia dispor de dinheiro para um conserto total, tanto mais que a viagem era curta e por isso não merecia a pena fazer grandes consertos...

—Realmente a viagem foi demasiado curta e o sr. Correia da Silva parece que já o adivinhava...—acrescentámos nós.

—De resto—continua—o restante do aparelho estava em estado ruinoso. —O caso do navio posso dizer que estava todo pôde—observa-nos um

velho marinheiro da "Bela Vista" que não quis seguir na viagem da morte por saber como a barca se encontrava. —E a prova é este bocado de madeira do caverno que de lá trouxe como recordação da última viagem.

E nós pegamos nessa amostra que se nos desfia nas mãos! —Além disso—prosegue—o navio estava interiormente aguentado por curvas de ferro e na casa de gurgulps havia um buraco com o diametro de 13 centímetros tapado com uma táboa. Tudo a desfazer-se! Calcule que as vergas de joaneta estavam remendadas com lona!

—Lemos que a bordo faltavam determinadas peças—observamos. —Nada faltava—respondeu-nos—mas o que havia, era tudo sucata.

E para finalizar: —O carregamento de sal era incompleto. Quando se deu o desvarramento e no dia seguinte notou-se que esse carregamento tinha abaido bastante, porque saímos daqui com o sal comido por baixo em virtude da água se ter infiltrado já no Tejo, devido ao estado da barca.

Não é preciso mais nada para se avaliar das ratoeiras que o armador Correia da Silva preparava, não sabendo nós com que fim—o que sabemos é que aquele senhor não pode dispor da existência dos que precisam ganhar a vida à custa de todos os sacrifícios, quanto mais enviando-os para a morte.

## Reusação liquidada

É impossível que o dr. sr. Amor de Melo não tivesse lido os convites que, em locais bem visíveis, lhe fizemos a provar as acusações graves que contra a Batalha formulou. A tranquilidade da nossa consciência ditava-nos a atitude que tomámos. Sabíamos que o dr. Amor de Melo não podia provar factos que não se deram. Porém, como os nossos leitores não adivinhariam quem teria razão, transgimos por consideração pelo povo que nos lê e nunca pelo acusador cuja moral anda muito tremida e cujos actos na sua vida não têm sido sempre duma correcção impecável. Demos-lhe a importância que ele não tinha, convidando-o a demonstrar com provas evidentes que estávamos vendidos ao sr. Soto Maior.

O seu silêncio é bem significativo—significa que não está os nossos leitores em presença duma acusação concreta mas duma revoltante calúnia que, longe de afectar os caluniados, apenas cobre de lama o caluniador.

Limitou-se esse cavalheiro a mandar a *Imprensa Nova* publicar uma local estúpida, como as que ela costuma, entre suores frios, dar à luz quando atingimos a sua gente em cheio, quando acusamos altivamente e sem caluniar. Essa local da *Imprensa Nova* é uma maneira parva e torpe do dr. sr. Amor de Melo querer furtar-se a responsabilidades.

Mas descanse, doutor, que não se escapa. Temo-lo seguro e bem seguro pela sua ausência de moral e de escrúpulos. Sim, porque um caluniador é uma criatura sem moral nem escrúpulos. E uma criatura sem moral nem escrúpulos, como o dr. Amor de Melo, só poder afastada do caminho das pessoas limpas com a palavra—pulha!

## REVULSIVOS

Soldado amigo «Milhões»: Aos sinceros me associo Nas condições ovadas Que o exaltado e lúe envia Revoltas saudades.

Dizia Napoleão Que o seu mais simples soldado, Na mochila do cazo, Levava sempre, guardado, De marechal o bastão.

Se, por sorte, em Portugal Houvesse um homem assim Como o velho coporal, Sem favor e quanto a mim, Já você era marçal.

Fique, porém, convencido De que a sua heroicidade, Se deu o premio devido, Por haver necessitado De o trazerem exibido.

Digo-lho eu, que os meandros Conheço ao mercantilismo D'este suble de leandros E não vou no patriotismo De tartufos e malandros.

José BENEDY

Universidade Livre

O pensador holandês, Richard Bonand, autor de uma obra notável, publicada em França e na Alemanha, realiza na Universidade Livre, amanhã, pelas 21 horas, uma conferência sobre o tema «O Mal Social e os seus remédios».

## POR ESSE MUNDO FORA

### GRECIA

O plebiscito de grande maioria ao regime republicano

ATENAS, 15.—São já conhecidos os resultados do plebiscito realizado no domingo em toda a Grécia para decidir do regime a instituir. Setenta por cento dos votantes manifestaram-se a favor da proclamação da república.

O almirante Condouriotis, que estava exercendo as funções de regente desde o exílio do rei Jorge, foi proclamado presidente provisório da república Grega.

Os realistas aceitaram o «verdictum» do povo.—L.

### INGLATERRA

A greve de Southampton

LONDRES, 15.—Os grevistas de Southampton, que no sábado se tornaram responsáveis pela proclamação do «lock-out» nacional dos proprietários de estaleiros, entregaram-lhes próprios a decisão do conflito ao tribunal de inquérito instituído pelo governo para decisão de conflitos operários.

Uma deputação comunicará os seus desejos sobre a decisão do conflito, ao sr. Macdonald, numa conferência que se realizará hoje.—L.

## OS CARROS

de tracção animal podem transitar nas ruas por deliberação da Câmara

Correspondendo à decisão tomada pela Câmara Municipal de Lisboa, de favorecer o aparecimento de carros de tracção animal para transporte de passageiros dentro da cidade, chegou a aparecer nas ruas um carro mais ou menos como os antigos «Choras». Porém a Câmara, esquecendo-se que lhe cumpria favorecer o aparecimento desse meio de transporte, mandou-o recolher, alegando que estava aberto concurso para carros de tracção animal dentro do prazo de 90 dias.

Essa sua atitude era absurda. Porém a vereação reconhecendo-o, aprovou na sua sessão ordinária de ontem, uma proposta com as seguintes conclusões:

1.º Que a Comissão Executiva fique autorizada a título de experiência a dar licença para explorar o transporte colectivo de passageiros, por tracção animal, a quem o requerir, isto até ser apurado o resultado do concurso que a Câmara vai abrir, de harmonia com a sua deliberação de 4 do corrente;

2.º Que estas licenças só sejam concedidas a quem se propuser explorar esta espécie de transporte com carros que satisfaçam os interesses e comodidade e segurança do público, devendo proceder-se a uma prévia vistoria por técnico competente;

3.º Durante o prazo das licenças ficam isentos de quaisquer taxas os proprietários dos carros.

## SECÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

Manipuladores de pão.—Informam a causa das prisões a que se refere o vosso officio, de 14 do corrente.

## Federações

CALÇADO, COURO E PELES

Comité de Propaganda Federal do Norte.—Recebemos officio.

Vila do Conde.—Recebemos officio. S. U. do Porto.—Recebemos officio. Expediente segue amanhã.

S. U. de Braga.—Segue officio, requisição e recibo.

## A PROPÓSITO DO LIVRO "VERA VERGANI"

diz-se um pouco do muito que se devia dizer sobre a companhia de Niccodemi e sobre a pobreza das nossas companhias

Raras tem sido as companhias teatrais estrangeiras que, ao passar pelos nossos palcos, deixem no público que não se fia nos réclames rasgados de certa imprensa, o sentimento de saudade que a de Niccodemi gravou no nosso espirito.

Em regra, essas companhias quasi sempre francesas, são pilula douradas e envenenadas que a França official exporta, como se se tratasse apenas das muitas especialidades farmacêuticas, que curam milagrosamente doenças incuráveis...

Não há muitos dias calamos numa armadilha construída por alguns jornais, indo a turar a senhora Gabrielle Robinne, cuja celebridade de cartaz ia muito além dos seus méritos e ficava muito aquém da sua cabelreira loura e falsa como Judas.

A companhia que Niccodemi trouxe a Lisboa a mereceu o aplauso de todos os que se interessam pelo progresso do teatro, ao qual está intimamente ligada a educação social do povo.

O facto principal que deve ser bem sublinhado, posto em destaque nessa companhia italiana, não é a revelação da extraordinária figura de actriz—Vera Vergani—verdadeira estrela teatral, brilhando entre estíreis fulgurantes, mas a harmonia de conjunto que sempre manteve, dando assim às peças admiráveis do seu repertório uma intensidade desusada, uma expressão comunicativa que nos avassalava.

Nós, que pretendemos realizar na sociedade essa harmonia encantadora que na companhia italiana dava às peças representadas um aspecto de bloco de beleza, pela solidariedade que ligava estreitamente os actores na acção, não podemos deixar de apontar aos artistas teatraes portugueses esse exemplo raro.

Temem os nossos actores de maior nomeada o confronto do seu trabalho com o de outros artistas de envergadura semelhante. Mais cultores da sua vaidade e dos seus triunfos pessoais do que da sua arte, em vez de procurarem formar uma companhia que reúna o maior número de elementos bons, pulverizam-se em pequenas companhias de repertórios reles, sedentos de figurar como estrelas entre obscuros planetas. Daí dois prejuízos, um para o público e outro para o artista. Para o público porque companhias de cavallinho, embora possuam um bom comediante entre uma dúzia de figurantes apagados, não lhe podem apresentar peças de certo vulto, de maiores dificuldades técnicas; para o artista, porque o actor ou actriz de grandes qualidades, contracenando com pigmeus, não encontra estímulo que o leve a aperfeiçoar-se nem exemplos, que lhe permitam corrigir-se. Uma das razões que mais fortemente contribuem para a decadência do teatro português é sem dúvida a validade dos nossos melhores actores que pela simples razão de reboarem farras primas do público que os admira se julgam genios suficientes para grandes peças para substituir por si só uma companhia inteira.

Na companhia italiana, em referência, essas vaidades foram anuladas. O critério era este: em teatro, onde a condição essencial do triunfo duma peça é a harmonia do conjunto, tam bem desenhado deve ser o principal papel como uma simples rábula. Por isso nós vimos grandes actores, como Luigi Almirante, desempenhando pequenas rábulas. E essa modestia só o engrandecia.

Mário DOMINGUES

## A CONFERENCIA INTER-SINDICAL DE LISBOA

Não há scisão, mas um simples incidente vulgar em reuniões desta natureza

Discutiu-se acaloradamente a constituição das Juntas Sindicais—Aprova-se o inicio duma campanha de reclamação de anistia a favor dos presos

Alguns jornais de ontem, comentando a seu modo a Conferencia Inter-Sindical, consideraram um principio de scisão na Organização Operária a saída dos signatários da moção apresentada por Júlio Luiz. Esses jornais tomaram como facto o que não passa dum desejo das empresas capitalistas que os subsidiam.

Opiniões divergentes sempre as houve na Organização Operária, o que longo de ser um defeito é apenas uma característica dos grandes aglomerados humanos. Simplesmente, quando não se colocam os interesses de tendência acima da Organização Operária, a luta pelo triunfo dum determinado ponto de vista faz-se de forma a não afectar a unidade de acção nem a solidez da organização. Desde que assim não se proceda não é possível que a classe operária se emancipe da exploração capitalista. Essa emancipação tem de ser obra do seu próprio esforço, sem que tenha de amparar-se a qualquer muleta partidária.

Portanto, ninguém pensa em scisões, que atingindo a unidade sindical, poriam entranhas à rápida realização dos objectivos em mira.

O que os jornais burgueses tomaram como scisão foi o gesto dos delegados de alguns organismos que abandonaram a Conferencia. Abandonaram a Conferencia mas não abandonaram a Organização Operária, e só neste ultimo caso se poderia considerar scisão—que não seria de grande importância pelo facto da maioria desses organismos não estarem filiados na C. G. T. Seriam apenas sindicatos que continuavam a não estar na Conferencia.

Estamos na presença dum incidente banal, em conferencias e congressos. Abandonaram os debates alguns congressistas? E um facto desagradável, é certo, mas que não atinge profundamente a organização, visto que a grande maioria prosseguiu nos seus trabalhos que hão de conduzir o povo trabalhador a sua emancipação.

Silva CAMPOS

As 21 horas reabriu ontem a 3.ª sessão, sob presidência de Manuel Gonçalves Vidal, secretariado por Lyster Franco e Edmundo Tavares.

Manuel de Figueiredo declarou continuar assistindo à conferencia, embora seja delegado do sindicato dos caixeiros, apenas como membro da Comissão Administrativa da U. S. O. e relator dos trabalhos apresentados por este organismo.

O presidente esclarece estarem representados 34 sindicatos e que dos 12 sindicatos cujos representantes haviam abandonado na véspera os trabalhos da conferencia, 7 não são aderentes à U. S. O. Pele a assistência que se abstinha, por lealdade, de fazer referências ásperas aos sindicatos que tomaram aquela attitude, visto não estarem presentes os seus representantes.

Carlos Coelho, em nome da Federação da Construção Civil, lamenta o gesto dos delegados que se retiraram da conferencia, o que, em seu entender, representa um acto de menos consideração para com os sindicatos que continuam no seu posto. Joaquim da Silva reage, sendo aprovado, que todas as declarações sejam enviadas à mesa por escrito.

Protesta-se contra a cédula pessoal

São depois lidos protestos dos sindicatos dos impressores, dos encadernadores e dos litógrafos contra o pretendido estabelecimento da cédula pessoal.

Prosegue-se a discussão na generalidade da tese que cria as juntas sindicais.

Alfredo Marques entende que a moção dos sindicalistas não deve baixar a comissão de estudos da C. G. T. em virtude de a mesma comissão apenas competir tratar dos trabalhos apresentados no Congresso da Covilhã. Acentua que não há animosidade contra os sindicatos que abandonaram a Conferencia. Joaquim da Silva diz ser preciso aclarar situações e, por isso, frisa que a U. S. O. Metalurgico, desejando a máxima

unidade desusada, uma expressão comunicativa que nos avassalava.

Nós, que pretendemos realizar na sociedade essa harmonia encantadora que na companhia italiana dava às peças representadas um aspecto de bloco de beleza, pela solidariedade que ligava estreitamente os actores na acção, não podemos deixar de apontar aos artistas teatraes portugueses esse exemplo raro.

Temem os nossos actores de maior nomeada o confronto do seu trabalho com o de outros artistas de envergadura semelhante. Mais cultores da sua vaidade e dos seus triunfos pessoais do que da sua arte, em vez de procurarem formar uma companhia que reúna o maior número de elementos bons, pulverizam-se em pequenas companhias de repertórios reles, sedentos de figurar como estrelas entre obscuros planetas. Daí dois prejuízos, um para o público e outro para o artista. Para o público porque companhias de cavallinho, embora possuam um bom comediante entre uma dúzia de figurantes apagados, não lhe podem apresentar peças de certo vulto, de maiores dificuldades técnicas; para o artista, porque o actor ou actriz de grandes qualidades, contracenando com pigmeus, não encontra estímulo que o leve a aperfeiçoar-se nem exemplos, que lhe permitam corrigir-se. Uma das razões que mais fortemente contribuem para a decadência do teatro português é sem dúvida a validade dos nossos melhores actores que pela simples razão de reboarem farras primas do público que os admira se julgam genios suficientes para grandes peças para substituir por si só uma companhia inteira.

Na companhia italiana, em referência, essas vaidades foram anuladas. O critério era este: em teatro, onde a condição essencial do triunfo duma peça é a harmonia do conjunto, tam bem desenhado deve ser o principal papel como uma simples rábula. Por isso nós vimos grandes actores, como Luigi Almirante, desempenhando pequenas rábulas. E essa modestia só o engrandecia.

Mário DOMINGUES

Manuel de Figueiredo diz que se não pretende dar à câmara sindical uma omnipotência que colida com as atribuições dos sindicatos. O facto de lhe ser conferida a faculdade de indicar a filiação de qualquer operário é resultante de haver classes que não tem características definidas de manter a poder-se, com acerto e em certos casos, determinar-se a que sindicato devem pertencer os seus componentes.

As juntas sindicais serão como que organismos de treino para os operários que tenham vivido arrefecidos da actividade sindical.

Manuel da Silva, delegado da União do Professorado Primário, diz ter verificado com prazer que vários delegados apresentavam pontos de vista concordantes com a sua doutrina de que deve defender-se a integridade do sindicalismo, evitando que ele se desvie perigosamente da sua directriz.

Análisa depois, em reforço das suas opiniões, vários pontos da tese em discussão.

Santos Arranha lamenta que tenha havido quem duvide do seu direito de representar o sindicato a que pertence. Há quem o julgue industrial e comercial. Para que não subsista esse erro refere que, procurando sempre manter-se coerente com os seus ideais libertários, roubou um canto ao seu lar e montou uma pequena officina, onde é simultaneamente mestre, official, aprendiz e moço. Fê-lo para, liberto do chicote patronal, melhor poder contribuir com o seu modesto esforço para o engrandecimento da organização operária. Convida quem tenha espalhado a atoarda de que é industrial ou comerciante a prová-lo.

Em vez de Juntas, secções de sindicatos

Entende necessário que, na prática se demonstre o que na teoria se afirma e o sindicalismo basta-se a si próprio. Não concorda com a tese embora faça justiça às intenções que presidiram à sua elaboração. Tem-se reconhecido que os produtores não estão convenientemente defendidos na sua qualidade de consumidores, mas as uniões sindicais não tem podido bem cumprir a sua missão por lhes faltar um forte elemento. É preciso e urgente tornar a organização apta a arcar com as responsabilidades que lhe são inerentes, mas não acha bem que para o conseguir se desvie do objectivo e normas do sindicalismo. As

Outro facto que deve ser apontado aos empresários portugueses e até ao próprio teatro Nacional, cuja missão, a nosso ver, é a de contribuir para o aperfeiçoamento dos artistas e educação do povo, fornecendo-lhes repertórios escolhidos: companhia italiana apresentou um repertório, aparte algumas

excepções, constituído pelas peças mais belas do teatro italiano.

Vem tudo isto a propósito dum pequeno livro intitulado *Vera Vergani* que o dr. sr. Luis da Câmara Reis escreveu e o sr. Tagarro ilustrou. Ele melhor do que nós, pela prosa scintilante e pelo desenho sugestivo e moderno, fala da arte da grande artista italiana, dos seus méritos excepcionais, da sua sugestão incomparável de beleza e de verdade, que a nossa pena não se atreve, sequer, a tentar descrever.

Mário DOMINGUES

Vera Vergani na peça «I tre amanti»

Manuel de Figueiredo diz que se não pretende dar à câmara sindical uma omnipotência que colida com as atribuições dos sindicatos. O facto de lhe ser conferida a faculdade de indicar a filiação de qualquer operário é resultante de haver classes que não tem características definidas de manter a poder-se, com acerto e em certos casos, determinar-se a que sindicato devem pertencer os seus componentes.

As juntas sindicais serão como que organismos de treino para os operários que tenham vivido arrefecidos da actividade sindical.

Manuel da Silva, delegado da União do Professorado Primário, diz ter verificado com prazer que vários delegados apresentavam pontos de vista concordantes com a sua doutrina de que deve defender-se a integridade do sindicalismo, evitando que ele se desvie perigosamente da sua directriz.

Análisa depois, em reforço das suas opiniões, vários pontos da tese em discussão.

Santos Arranha lamenta que tenha havido quem duvide do seu direito de representar o sindicato a que pertence. Há quem o julgue industrial e comercial. Para que não subsista esse erro refere que, procurando sempre manter-se coerente com os seus ideais libertários, roubou um canto ao seu lar e montou uma pequena officina, onde é simultaneamente mestre, official, aprendiz e moço. Fê-lo para, liberto do chicote patronal, melhor poder contribuir com o seu modesto esforço para o engrandecimento da organização operária. Convida quem tenha espalhado a atoarda de que é industrial ou comerciante a prová-lo.

Em vez de Juntas, secções de sindicatos

Entende necessário que, na prática se demonstre o que na teoria se afirma e o sindicalismo basta-se a si próprio. Não concorda com a tese embora faça justiça às intenções que presidiram à sua elaboração. Tem-se reconhecido que os produtores não estão convenientemente defendidos na sua qualidade de consumidores, mas as uniões sindicais não tem podido bem cumprir a sua missão por lhes faltar um forte elemento. É preciso e urgente tornar a organização apta a arcar com as responsabilidades que lhe são inerentes, mas não acha bem que para o conseguir se desvie do objectivo e normas do sindicalismo. As

Manuel de Figueiredo diz que se não pretende dar à câmara sindical uma omnipotência que colida com as atribuições dos sindicatos. O facto de lhe ser conferida a faculdade de indicar a filiação de qualquer operário é resultante de haver classes que não tem características definidas de manter a poder-se, com acerto e em certos casos, determinar-se a que sindicato devem pertencer os seus componentes.

As juntas sindicais serão como que organismos de treino para os operários que tenham vivido arrefecidos da actividade sindical.

Manuel da Silva, delegado da União do Professorado Primário, diz ter verificado com prazer que vários delegados apresentavam pontos de vista concordantes com a sua doutrina de que deve defender-se a integridade do sindicalismo, evitando que ele se desvie perigosamente da sua directriz.

Análisa depois, em reforço das suas opiniões, vários pontos da tese em discussão.

Santos Arranha lamenta que tenha havido quem duvide do seu direito de representar o sindicato a que pertence. Há quem o julgue industrial e comercial. Para que não subsista esse erro refere que, procurando sempre manter-se coerente com os seus ideais libertários, roubou um canto ao seu lar e montou uma pequena officina, onde é simultaneamente mestre, official, aprendiz e moço. Fê-lo para, liberto do chicote patronal, melhor poder contribuir com o seu modesto esforço para o engrandecimento da organização operária. Convida quem tenha espalhado a atoarda de que é industrial ou comerciante a prová-lo.

Em vez de Juntas, secções de sindicatos

Entende necessário que, na prática se demonstre o que na teoria se afirma e o sindicalismo basta-se a si próprio. Não concorda com a tese embora faça justiça às intenções que presidiram à sua elaboração. Tem-se reconhecido que os produtores não estão convenientemente defendidos na sua qualidade de consumidores, mas as uniões sindicais não tem podido bem cumprir a sua missão por lhes faltar um forte elemento. É preciso e urgente tornar a organização apta a arcar com as responsabilidades que lhe são inerentes, mas não acha bem que para o conseguir se desvie do objectivo e normas do sindicalismo. As

Manuel de Figueiredo diz que se não pretende dar à câmara sindical uma omnipotência que colida com as atribuições dos sindicatos. O facto de lhe ser conferida a faculdade de indicar a filiação de qualquer operário é resultante de haver classes que não tem características definidas de manter a poder-se, com acerto e em certos casos, determinar-se a que sindicato devem pertencer os seus componentes.

As juntas sindicais serão como que organismos de treino para os operários que tenham vivido arrefecidos da actividade sindical.

Manuel da Silva, delegado da União do Professorado Primário, diz ter verificado com prazer que vários delegados apresentavam pontos de vista concordantes com a sua doutrina de que deve defender-se a integridade do sindicalismo, evitando que ele se desvie perigosamente da sua directriz.

Análisa depois, em reforço das suas opiniões, vários pontos da tese em discussão.

Santos Arranha lamenta que tenha havido quem duvide do seu direito de representar o sindicato a que pertence. Há quem o julgue industrial e comercial. Para que não subsista esse erro refere que, procurando sempre manter-se coerente com os seus ideais libertários, roubou um canto ao seu lar e montou uma pequena officina, onde é simultaneamente mestre, official, aprendiz e moço. Fê-lo para, liberto do chicote patronal, melhor poder contribuir com o seu modesto esforço para o engrandecimento da organização operária. Convida quem tenha espalhado a atoarda de que é industrial ou comerciante a prová-lo.

Em vez de Juntas, secções de sindicatos

Entende necessário que, na prática se demonstre o que na teoria se afirma e o sindicalismo basta-se a si próprio. Não concorda com a tese embora faça justiça às intenções que presidiram à sua elaboração. Tem-se reconhecido que os produtores não estão convenientemente defendidos na sua qualidade de consumidores, mas as uniões sindicais não tem podido bem cumprir a sua missão por lhes faltar um forte elemento. É preciso e urgente tornar a organização apta a arcar com as responsabilidades que lhe são inerentes, mas não acha bem que para o conseguir se desvie do objectivo e normas do sindicalismo. As

Manuel de Figueiredo diz que se não pretende dar à câmara sindical uma omnipotência que colida com as atribuições dos sindicatos. O facto de lhe ser conferida a faculdade de indicar a filiação de qualquer operário é resultante de haver classes que não tem características definidas de manter a poder-se, com acerto e em certos casos, determinar-se a que sindicato devem pertencer os seus componentes.



## This image shows a blank, aged, cream-colored page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a slightly textured appearance with some faint smudges and discoloration, characteristic of old paper. The right edge of the page shows the binding of the book.







